

# A política e as letras: entrevistas da *New Left Review*

RAYMOND WILLIAMS

*São Paulo: Editora Unesp, 2013, 459p.*

*Ugo Rivetti\**

Publicado originalmente na Inglaterra em 1979, *A política e as letras* consiste na entrevista concedida por Raymond Williams a três integrantes do comitê editorial da *New Left Review* – Anthony Barnett, Francis Mulhern e Perry Anderson –, de junho a novembro de 1977 e em setembro de 1978. Conforme assinalam os próprios entrevistadores na apresentação, a prestigiosa publicação inglesa pretendia oferecer os primeiros elementos para uma “discussão sistemática” do pensamento de Williams, “explorando em detalhe e profundidade toda a substância e o padrão de sua obra”, o que, como eles mesmos apontam, inexistia até aquele momento na Inglaterra, inclusive no campo da esquerda – e, em alguma medida, até hoje no Brasil, o que já indica a relevância desta tradução.

De fato, trata-se de um empreendimento de fôlego. Dividido em cinco partes (Biografia, Cultura, Drama, Literatura e Política) e apoiando-se em um critério ao mesmo tempo cronológico e temático, o volume abarca os grandes momentos da vida e da obra de Williams, percorrendo desde a sua infância no vilarejo de Pandy, no País de Gales, até as suas intervenções nos debates político e cultural dos anos 1980.

Na primeira parte (“Biografia”), Williams discorre sobre um aspecto que marcou sua trajetória: a relação (em diversos momentos, problemática) com o mar-

---

\* Doutorando em Sociologia na USP. E-mail: ugo.rivetti@usp.br

xismo e a crítica inglesa. Embora tenha tido um contato precoce com uma “cultura socialista” – inicialmente, no ambiente de uma família de trabalhadores (seu pai era sinaleiro na estrada de ferro da região) –, tendo se associado, posteriormente, como estudante de inglês (1939-41) ao Clube Socialista de Cambridge (onde teve os primeiros contatos com a literatura marxista), Williams deparou desde o início com um ambiente acadêmico refratário ao marxismo. “Eu era surpreendido com frequência pela ignorância e pela confusão”, dirá em referência a seus professores. Assim, colocou-se para ele, desde o início de sua vida acadêmica, um impasse entre as exigências impostas pela atividade prática e pela atividade teórica. Impasse que se resolveu – quando do retorno de Williams a Cambridge em 1945, após sua participação na Segunda Guerra Mundial – com um compromisso “fanático” com as atividades acadêmicas, e que culminou no projeto de unir uma “política radical de esquerda” à crítica literária então dominante em Cambridge, projeto no qual se inscrevem os seus textos da virada para os anos 1950, notadamente os artigos publicados na revista *Politics and Letters* (1947-48), e os livros *Reading and Criticism* (1950) e *Drama from Ibsen to Eliot* (1952).

Na segunda parte (“Cultura”), são abordadas duas de suas grandes obras – *Cultura e sociedade* (1958) e *The Long Revolution* (1961) – e o projeto teórico que ambas inauguram. Esse projeto marca uma primeira ruptura com a tradição da crítica inglesa, aqui qualificada por Williams como uma ideologia “reacionária”, promotora de um uso do conceito de cultura “contra a democracia, o socialismo, a classe trabalhadora ou a educação popular”. No primeiro livro, recupera a “longa linhagem de pensamento sobre a cultura” que fora “confiscada” por aquelas posições reacionárias. No segundo, delinea as bases de uma abordagem socio-política e literária alternativa, que coloca em primeiro plano a análise da história de instituições e formações culturais específicas (como o romance, a imprensa, as formas dramáticas) e reivindica a centralidade do processo cultural, concebendo-o como parte indissociável de “todo o processo sócio-material” – agora não mais pela suposição de uma determinação exercida pelas práticas econômicas e políticas sobre a vida (procedimento que se tornara convencional no marxismo inglês da época), mas pela compreensão da cultura como dimensão em si mesma material.

Quanto à análise de formações culturais específicas, os esforços de Williams se concentraram em dois campos: o drama e a literatura. No primeiro caso (analisado na terceira parte, “Drama”), a abordagem de Williams volta a romper com os procedimentos consagrados em Cambridge, pois o que Williams opera aqui – em obras como *Drama em cena* (1954), *Tragédia moderna* (1966) e *Drama from Ibsen to Brecht* (1968) – é um duplo deslocamento, no eixo temático (da literatura para o drama) e na abordagem (de uma teorização da leitura para uma teorização da composição).

Ao tratar, na quarta parte (“Literatura”), de suas análises sobre a literatura inglesa, Williams reitera a sua crítica às análises de textos literários que pretendem reter a qualidade de um romance pela análise detida (*close-reading*) de uma

passagem selecionada arbitrariamente – afinal, “a seleção da passagem para a análise cuidadosa usualmente pressupõe um julgamento não examinado da obra da qual ela é tomada” (p.235) –, propondo, como alternativa, uma análise da obra completa que parta do pressuposto de que a literatura constitui o registro de uma experiência naquilo que ela tem de mais detalhado e concreto. Essa análise é empreendida de forma mais bem acabada em *The English Novel from Dickens to Lawrence* (1970) e em *O campo e a cidade* (1973), textos nos quais se registra um novo momento da ruptura de Williams em relação à crítica inglesa, como fica indicado no aspecto bem notado pelos entrevistadores de que Williams opera, nos dois textos, uma inversão “quase simétrica” da análise da literatura inglesa do século XIX mais consagrada entre os críticos de Cambridge, especialmente ao atribuir papéis relevantes a Dickens e Thomas Hardy, até então menosprezados.

Como que fechando o círculo, essa quarta parte é concluída com as considerações de Williams acerca de seu último livro publicado até então: *Marxismo e literatura* (1977). Aqui, ele volta a enfrentar a questão da sua problemática relação com o marxismo, motivado pelas polêmicas com as “teorias estruturalistas da linguagem, naquela ocasião [década de 1970], correntes marxistas dominantes nos estudos literários” (p.329). Mas, segundo nos parece, mais importante do que isso, o que se tem aqui é a exposição de uma posição teórica própria que tem pela primeira vez o marxismo como principal interlocutor – não por acaso que o que aparecia em *The Long Revolution* como uma teoria da cultura apareça agora como um “materialismo cultural” –, muito embora o argumento seja bastante semelhante; também aqui se trata de compreender a cultura como dimensão da produção material e em sua relação com as demais dimensões da vida material. Esse retorno de Williams ao marxismo, como destaca ele na última parte do volume (“Política”), foi viabilizado, em larga medida, pela reconfiguração da esquerda inglesa a partir de meados dos anos 1950, o que permitiu à geração de marxistas ingleses de então (incluído Williams) se reunir em um projeto comum – projeto que se cristalizaria na década seguinte na Nova Esquerda, e que teve na própria *New Left Review* um de seus núcleos.

Assim, felizmente, pode-se dizer que o projeto inspirador da entrevista foi bem-sucedido. Mas importa reter que, mais do que um apanhado geral, o que se tem aqui é um registro das avaliações do próprio entrevistado acerca de sua trajetória e obra, o que garante a esse texto um lugar de destaque na bibliografia de Williams. Porém, também exige alguma cautela da parte do leitor: que ele sempre tenha em vista a particularidade do texto (no limite, trata-se de um livro feito a oito mãos) e, assim, não incorra no erro de procurar compreender os diferentes momentos da obra williamsiana apenas pela leitura retrospectiva empreendida aqui. Riscos que, no entanto, são mitigados pela transparência com que os entrevistadores expõem as suas opiniões e pela disposição e honestidade com que Williams se apresenta. Nada além do que se poderia esperar de um intelectual da sua estatura.

RIVETTI, Ugo. Resenha de: WILLIAMS, Raymond. A política e as letras: entrevistas da New Left Review. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.165-167.

***Palavras-chave:*** Política; Literatura; Entrevista.